

# LIVRE PENSAR SOBRE O MODERNISMO MINEIRO-BELO-HORIZONTINO\*

## THE MINEIRO-BELO-HORIZONTINO MODERNISM: A CONJECTURE

Alicia Duarte Penna\*\*

### RESUMO

Seria o modernismo mineiro-belo-horizontino caracterizado por um conflito insolúvel entre a memória e o esquecimento, o antigo e o novo, o tempo e o espaço, a vida e a morte?

Palavras-chave: Arquitetura; Espaço; Identificação; Psicanálise.

### ABSTRACT

Wouldn't the *mineiro-belorizontino* modernism be characterized by a perpetual conflict between memory and oblivion, the old and the new, time and space, life and death?

Key words: Architecture; Space; Identification; Psychoanalysis.

---

\* Este breve ensaio foi apresentado no Seminário “O modernismo em Belo Horizonte: costumes, *design* e ambiente urbano”, promovido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e pelo Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design, na Casa do Baile, entre julho e outubro de 2004.

\*\* Arquiteta e mestre em Geografia. Professora do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo e do curso de especialização em Planejamento Ambiental Urbano da PUC Minas.



“(...) o futuro logo ali, em construção: o Cassino”.

Fonte: Acervo particular Denise Marques Bahia

Vejamos primeiro esta foto, este homem vislumbrando o futuro, e não o futuro longínquo, mas o futuro logo ali, em construção: o Cassino. Vejamos este homem, com o seu pé direito vitoriosamente fincado sobre uma árvore vencida, como um Paul Bunyan da colonização americana.

Isso nos faz pensar que o urbanismo da Pampulha de Juscelino Kubitschek e de Oscar Niemeyer difere do urbanismo da Belo Horizonte de Afonso Penna e de Aarão Reis – da “*petit Paris*”, para usar a expressão de Hygina Bruzzi – porque é americano, porque não tem nada diante de si, exceto a natureza. Daí a alegria da Pampulha, a mesma alegria desenfreada de Brasília: do nada se criou uma e outra, e ambas são planas, abertas, ensolaradas, novas. Pampulha é um Rio de Janeiro em Belo Horizonte, uma Diamantina em Ouro Preto, um muxarabi no porão. Pampulha é seresteira, em vez de mártir. Daí ser insuportável ao mineiro das Minas aquela igreja, que foi a mineira maneira encontrada de se condenar a alegre idéia de que esse mineiro jogasse, dançasse e praticasse esportes à beira-mar (como a louca moderna de Carlos Drummond de Andrade no poema “Amor através das idades”, que modernamente pula, boxa, dança, e não tem culpa), a alegre idéia de que esse mineiro não carregasse mais nas costas o fardo da memória e o fardo do esquecimento, mas vivesse, modernamente vivesse.

Vejamos, agora, um livro: **Quando o Brasil era moderno**: guia poético do Rio de Janeiro, que ilumina o que já pensamos diante daquela foto, e nos faz pensar além, nos faz pensar que o Brasil carioca é moderno sobretudo porque esquece.

“A areia é quente e há um óleo suave que eles passam nas costas, e esquecem”, observa Carlos Drummond de Andrade no poema “Os inocentes do Leblon”. Ah, o carioca esquece..., enquanto o mineiro-belo-horizontino não esquece, não esquece, não esquece, mas também não quer lembrar. E é por isso também que Belo Horizonte não se apropria do seu passado: para que o passado seja salvo é preciso esquecer, para lembrar. E é por isso ainda que Belo Horizonte é incapaz de constituir seu patrimônio, e então demole-se, demole-se, demole-se, uma, duas, três vezes: o Arraial, depois o Mercado, depois a Feira de Amostras; o Arraial, depois a casinha funcionária, depois o edifício modernista. E, assim fazendo, não pode criar, pois não há o novo possível, defensável até a morte, ou até o envelhecimento, ante um antigo que não se defende até a vida, para usar aqui as palavras de Augusto de Campos, nas quais tradição e modernidade – estas tradição e modernidade com as quais o mineiro-belo-horizontino não se reconcilia – apresentam-se como conciliáveis. Eis as mágicas palavras do poeta: “Eu defenderei até a morte o novo por causa do antigo e até a vida o antigo por causa do novo. O antigo que foi novo é tão novo como o mais novo”.

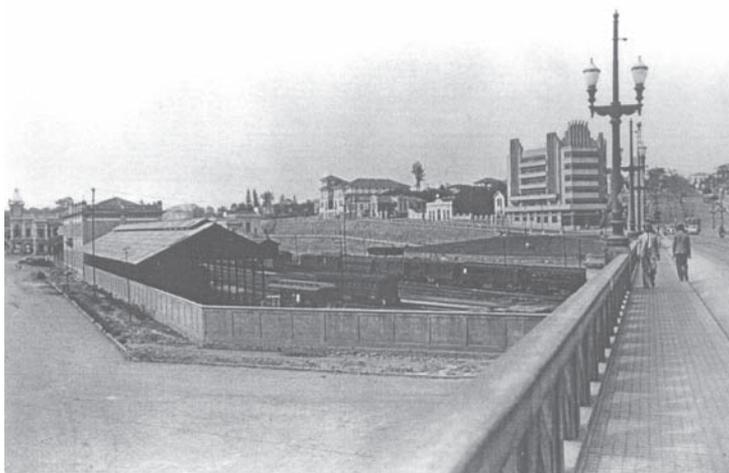


“A areia é quente e há um óleo suave que eles passam nas costas, e esquecem”.

Fonte: [www.humnet.ucla.edu/humnet/spanport/brasil/copa.jpg](http://www.humnet.ucla.edu/humnet/spanport/brasil/copa.jpg) em 22/2/2005.

Vejamos agora um outro livro, **O encontro marcado**, de Fernando Sabino, que nos conta o que Eduardo Marciano sente ao vislumbrar o futuro, assim como o homem da foto. Ao contrário do que possamos imaginar, eis o que ele sente:

A vida o afastava de sua origem, de seus amigos. Já nem sempre estaria presente na lembrança deles, o tempo o empurrava com força demais e isso era terrível. Mal podia sentir o gosto das novas experiências, já não eram novas, ficavam logo para trás, o passado, ele que não tinha presente, não tinha nada, não fizera nada – por que não podia parar um pouco, descansar, não dar mais um passo (...) Com quem puxar angústia agora?



“(...) o tempo o empurrava com força demais (...)”

Fonte: Acervo particular da autora.

Isso nos faz pensar que o mineiro-belo-horizontino não se concilia é com o tempo, com isso que passa e abre alas para o outro tempo – o novo, mas que passará, que passará. E, não se conciliando com o tempo-que-passa, também não se concilia com o espaço, nem com a sua permanência – pois o espaço somente permanece ante a passagem do tempo –, nem com a sua transformação – pois o espaço somente se transforma quando passa como o tempo.

Vejamos agora uma carta de Vinícius de Moraes, a “Carta contra os escritores mineiros (por tanto amar)”, em que o “poetinha” (assim chamado porque era um poeta que cantava, onde já se viu!) revolta-se contra Eduardo Marciano e os demais puxadores de angústia dessa terra, segundo ele, ferida de morte. Eis alguns trechos da carta:

Sois gente simples. Vossa fala é simples, vossa maneira é simples, vosso corpo e vosso coração são simples. Vossa forma é quase sempre simples, sem retórica, enxuta, precisa, exata para se ler. O vosso convívio é simples e agradável. (...) Mas o vosso orgulho não é simples, escritores de Minas. Ele vos isola numa terra ferida de morte. Ele vos dá, em excesso, complacência para com as vossas próprias feridas, que tanto cultivais. (...) Por que não vinde às vezes vos banhar nos mares da costa? (...) Por que amais a vossa desolação? Por que não saís às vezes, não viajais, não lutais contra o erro de vós

mesmos? Por que não fraquejais, não amaldiçoais, não apedrejais, não sofreis o generoso sofrimento da vida? (...) Não vos dá vontade de louvar outra coisa que não seja a Deus e vossa angústia? (...) Por que vos persegue o pensamento da morte, que é o fim da vida?

O mineiro-belo-horizontino não se concilia com o tempo-que-passa porque não se concilia com a morte, nem com a vida, e por isso não se conforma em ser moderno, não se conforma em não ser eterno, em não poder parar um pouco, em não poder descansar, em não poder ficar sem dar mais um passo, em não imobilizar o tempo. O mineiro-belo-horizontino não se conforma em não aniquilar o tempo e desviar-se da morte: e demolir é subtrair tempos, enquanto deixar pedra sobre pedra é anotar a passagem do tempo.

Mas sabeis, no entanto, que maior que vós mesmos é a humanidade que vos circunda; maior que vossa casa é o mundo; maior que vossos casos particulares, vossos segredos, vossa contida existência doméstica, é a miséria, a grandeza, a indiscrição, a sordidez do mundo. (...) Por que só olhais o mundo das janelas de vossas casas ou de vossos escritórios? Por que vos machucai e por que sobrestimais a vossa inquietação? Mais inquieto que vós é o abismo da vida, onde rolam corpos envoltos em sangue e em poesia, (...) mais inquietos que vós são os mares da distância, os ventos de outras paragens, os apelos dos que morrem sem pão e sem calor, desconhecidas almas vagabundas que clamam de vós, esperam de vós, vivem em vós e sobre quem, no entanto, silenciais.



"(...) incapaz de transformar os frutos da modernidade em estímulos ao desenvolvimento em escala ampliada".

Fonte: Fotografia de Luís Augusto Bartolomei (BANDEIRA, 2000, p. 77).

Ora, o mineiro-belo-horizontino também não se concilia com o outro, com o que está diante de si: o homem da foto não vislumbra nada, porque só vê a si mesmo no mundo. É este o egoísmo que João Antônio de Paula acusa nas **Raízes da modernidade em Minas Gerais**:

Minas Gerais, a capitania que inaugurou a modernidade no Brasil, a província que continuou urbana, populosa e dinâmica, que desenvolveu sistema político e cultural, que diversificou atividades econômicas e comerciais, que continuou a manter grande contingente de escravos, o maior do Brasil, durante o século XIX, Minas Gerais foi tudo isso. [Mas] viveu toda essa modernidade sob a tutela de uma economia (...) incapaz de transformar os frutos da modernidade em estímulos ao desenvolvimento em escala ampliada da produção material, exatamente porque concentradora de renda e riqueza, marginalizadora e excludente.

Isso nos faz concluir que nós mesmos, não, *nosotros* (esta primeira pessoa do plural muito mais perfeita), herdeiros dessas minas, devemos nos reconciliar com a memória e o esquecimento, com o tempo e com o espaço, com a vida e com a morte e, sobretudo, com o outro, se de fato quisermos deixar como herança uma modernidade que não seja *gauche*, que não nos isole numa terra mórbida, ferida pela esterilidade, mas que nos liberte numa terra fértil, ferida, sim, mas pela generosidade da vida. Pampulha para todos!

## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião**: 10 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- BANDEIRA, Manuel. **Guia de Ouro Preto**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. p. 77
- CAMPOS, Augusto de. **Verso, reverso e controverso**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Quando o Brasil era moderno**: guia poético do Rio de Janeiro, o olhar modernista. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001
- MORAES, Vinícius de. **Carta aos escritores mineiros (por muito amar)**. Programa da peça O encontro marcado de Fernando Sabino (adaptação de Paulo César Bicalho). Belo Horizonte.
- PAULA, João Antônio de. **Raízes da modernidade em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SABINO, Fernando. **O encontro marcado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. [www.humnet.ucla.edu](http://www.humnet.ucla.edu). Acessado em 22/02/2005.

Endereço para correspondência

ALÍCIA DUARTE PENNA

PUC Minas – Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Av. Dom José Gaspar, 500 – Coração Eucarístico

30535-610 – Belo Horizonte – MG

e-mail: [aliciapenna@ig.com.br](mailto:aliciapenna@ig.com.br)